

brar não uma torrente violenta, impetuosa, mas antes um lago suíço que, por meio de sua calma, combina uma grande profundidade com uma grande clareza, revelando-se a profundidade precisamente por meio de sua clareza" (citado por Peter A. French, "Toward the headwaters of philosophy: Curriculum revision at Trinity University", in *Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association*, nº 58, 1985, p. 615). Joseph Butler escreveu: "A Confusão e a Perplexidade no Escrever são efetivamente indesculpáveis, dado que qualquer um pode, se o desejar, perceber se compreende e conhece aquilo a que se dedica" (Joseph Butler, *Five sermons*, Indianápolis, Hackett, 1983, p. 12). Butler pode ter exagerado a verdade; talvez um autor nem *sempre* saiba que seus escritos são confusos, especialmente quando compreende por inteiro o seu material. Mesmo assim, o que Butler quer dizer é verdade em muitíssimos casos. Além disso, justamente porque é provável que um autor possa não saber que sua redação é confusa, a não ser que pense sobre essa possibilidade com algum cuidado, é de todo importante que ele faça isso, porque o que Butler diz imediatamente depois da passagem acima está certo: "e é imperdoável que um homem apresente aos outros o seu pensamento quando ele está consciente de que ele mesmo não sabe onde se encontra nem em que ponto está o assunto que tem diante de si" (Butler, *Five sermons*, p. 12). Não há desculpas para quem escreve intencionalmente de maneira confusa. Os autores têm a obrigação de ser claros.

A clareza se relaciona com o público. Aquilo que é claro para uma pessoa num dado momento, numa dada

situação, pode não ser claro para outra em outro momento e em outra situação. O que conta como uma clara exposição do teorema da incompletude de Gödel para um lógico de Harvard pode não parecer uma exposição clara para uma pessoa que faz seu primeiro curso de filosofia. A presença ou a ausência de clareza na redação depende em parte de que fatos ou crenças o autor pode legitimamente supor que seu público possui.

Quantas vezes você ouviu pessoas dizerem, frustradas, "Bem, você sabe o que eu quero dizer", quando fracassaram repetidamente em dizer o que querem dizer sobre o tipo de coisa mais banal. Pense como é muito mais difícil dizer alguma coisa *exatamente* correta sobre o mais central, importante e fugidio de nossos conceitos quando ninguém o disse antes dessa mesma maneira. Em filosofia, depois de se fracassar em dizer alguma coisa de modo correto, nunca é aceitável recorrer à frase "Bem, você sabe o que eu quero dizer". Se o público sabe o que o autor quer dizer sem que ele o diga corretamente, o que ele tem a dizer é trivial; e, se não for trivial, o público não pode ter certeza sobre o que o autor quer dizer.

É fácil dizer "Seja claro" e difícil dizer o que é a clareza. No sentido amplo em que uso o termo, a clareza é um conceito complexo que exhibe muitas dimensões. Na filosofia, a dimensão que mais se destaca entre todas é a precisão. A precisão evita três coisas: a ambigüidade, a vaguidade e a indeterminação.

Uma palavra, expressão ou frase ambígua é a que tem dois ou mais sentidos. A frase "Maria está num banco" é ambígua porque fica entre "Maria está nalguma